

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Do Cinema de Estado ao Cinema Fora do Estado: Angola
14 de Novembro de 2024

UMA FESTA PARA VIVER / 1975

Um filme de Ruy Duarte de Carvalho

Realização e Argumento: Ruy Duarte de Carvalho / **Direcção de Fotografia:** Beto Moura Pires / **Som:** Orlando Martins / **Montagem:** Emílio Canha.

Produção: Equipa Chatertone / Cópia em 35mm, preto e branco / **Duração:** 35 minutos / Inédito comercialmente.

NELISITA / 1982

Um filme de Ruy Duarte de Carvalho

Realização e Argumento: Ruy Duarte de Carvalho / **Direcção de Fotografia:** Victor Henriques / **Som:** Orlando Martins / **Montagem:** Carlos Gaspar e Ernesto Amândio.

Produção: Laboratório Nacional de Cinema de Angola e TPA / Cópia em 35mm, preto e branco, versão original em kimbundu com legendas em português / **Duração:** 64 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Entre as primeiras imagens de **Uma Festa para Viver** está a de um calendário dos meses de Outubro e Novembro de 1975: contava-se o tempo para a oficialização da independência de Angola, prevista para o dia 11 de Novembro. O filme de Ruy Duarte de Carvalho é sobre essa expectativa. Rodado nas semanas imediatamente precedentes, no Bairro da Cazenga em Luanda, é um documento das expectativas e aspirações de um segmento definido da população angolana, dado em discurso praticamente directo. No final, imagens da festa do dia da independência, nesse mesmo bairro, e a voz “off” a afirmar também as suas expectativas: “a vitória é certa”.

Nelisita foi realizado por Ruy Duarte de Carvalho uns anos mais tarde, já num contexto totalmente diferente. É uma ficção, mas de onde estão ausentes quaisquer intenções meramente "escapistas". Pelo contrário, o filme de Ruy Duarte é, não sem uma elevada dose de ironia, simultaneamente uma metáfora da actual (“actual”, de 1982) condição angolana e uma visita às efabulações tradicionais do seu povo. Aliás, a história em que se baseia o argumento tem origem na tradição oral Nyaneka do sul de Angola

Fazendo uso de um estilo narrativo em tudo aproximável das principais características de todo o cinema africano - mais uma vez se refere a importância da oralidade, que leva a que seja a palavra o agente essencial e verdadeiro motor da acção, não apenas “narrativa”,

mas sobretudo "cinematográfica" - Ruy Duarte leva a sua câmara para longe da "civilização", em busca de uma cultura tradicional intocada. Ora a sua grande ironia reside no modo como vai criar, a partir desses dados, uma curiosíssima analogia com os problemas da sociedade moderna. Tão mais acutilante quanto o microcosmo que revela aparenta estar distanciado das preocupações "modernas". Partindo de uma situação de penúria - a seca -, a analogia surge de modo imediato e evidente: fome, crises económicas, crises sociais. Mais evidentemente surge quando a escassez da comida a transforma, de súbito, na mais importante coisa à face da terra, em algo de verdadeiramente capital. É esse "capital" que dita as movimentações das personagens, e é partir desse "capital" que se põem a nu as relações de troca que estabelecem os contornos do funcionamento de uma sociedade - qualquer sociedade.

Luís Miguel Oliveira